



Levada do Caldeirão Verde e floresta Laurissilva



Entrada de túnel, Levada do Caldeirão Verde



Scoliopteryx libatrix coberta por micélio

Fotos: Helder Cardoso

Nos dias 8, 9 e 10 de junho de 2022, eu e a minha esposa fomos à ilha da Madeira. Esta seria a nossa segunda visita ao território e focada principalmente em percorrer as “levadas”.

No primeiro dia, fomos caminhar ao longo da levada do Caldeirão Verde. Esta levada, com 6,5 km de extensão e uma altitude de 850 a 950 m, tem início no Parque Florestal das Queimadas, perto de Santana, na zona norte da ilha. O percurso segue o contorno dos vales e leva-nos montanha adentro, atravessando pequenas pontes e túneis. A vegetação é composta maioritariamente por espécies típicas da Laurissilva, como o til (*Ocotea foetens*), o loureiro (*Laurus novocariensis*), o folhado (*Clethra arborea*), o sanguinho (*Rhamnus glandulosa*), o perado (*Ilex perado*), a leituga (*Sonchus fruticosus*), o aderno (*Heberdenia excelsa*), a corriola (*Convolvulus massonii*), o sabugueiro (*Sambucus lanceolata*), o piorno (*Teline madeirensis*), o isoplexis (*Isoplexis sceptrum*) e o alegre-campo (*Semele androgyna*).

Após a caminhada de quase 3 horas chegámos ao Caldeirão Verde, uma imponente cascata com quase 100 m de altura. Daqui era possível fazer a extensão de 2,2 km, pelo percurso que daria acesso ao Caldeirão do Inferno, e assim fizemos. A subida, até aos 1.020 m, era feita atravessando vários túneis. Alguns destes com extensões consideráveis requeriam a utilização de lanterna. Ao atravessar o último túnel, já na parte final do acesso ao Caldeirão do Inferno, notei no tecto do túnel uma borboleta nocturna, já sem vida e coberta por micélio branco. Numa inspecção mais detalhada percebi que era uma *Scoliopteryx libatrix* (Linnaeus, 1758), os tons ferrugíneos, forma geral e recorte nas asas eram tipicamente desta espécie. No caminho de regresso, fui inspecionando os tectos de todos os túneis e fui encontrando espécimes na mesma situação, presos ao tecto e cobertos por fungos brancos, 54 no total. Encontrei apenas espécimes nos túneis entre o Caldeirão do Inferno e o Caldeirão Verde e sempre uns 10 a 15 m no interior do túnel.

Na altura, desconhecia o estatuto e distribuição da espécie na ilha da Madeira, sabia que estava reportada para a ilha e pouco mais. Numa pesquisa rápida encontrei o artigo Carvalho *et al*, 1991, onde são descritos os primeiros registos da espécie para a Madeira, encontrados precisamente nas mesmas condições, mas em diferentes localizações. Na altura, foram analisados 7 espécimes (2 machos e 5 fêmeas).

Bioecologia e distribuição da *Scoliopteryx libatrix* (Linnaeus, 1758)

A espécie tem a particularidade de hibernar no estado adulto, escolhendo grutas, minas, túneis e inclusive caves e edifícios antigos. Os adultos emergem do estado letárgico no início da primavera e procuram espécies como salgueiros (*Salix sp.*) ou Choupos (*Populus sp.*), onde depositar os ovos. O período de hibernação parece ser variável dependendo da latitude e condições.

É uma espécie com distribuição bastante ampla no hemisfério norte, ocorrendo na Europa, Ásia e América do Norte. Em Portugal continental, os registos surgem principalmente a norte do rio Tejo e no Alto Alentejo (GBIF.org), onde a espécie é encontrada regularmente em grutas (João Nunes com. pess., julho 2022). Sendo possível que ocorra noutras regiões de forma regular. Nos Açores, a espécie ainda não foi registada. É uma espécie que parece ser pouco atraída pelas armadilhas luminosas, o que pode dificultar o registo da sua presença.

Na base de dados da Rede de Estações de Borboletas Nocturnas existem apenas dois registos, ambos na zona norte do país: um na Estação do Moinho do Belmiro, 29-XII-2021 (Jorge Gomes) e um na Estação Parque das Serras do Porto a 17-III-2021 (João Nunes). De realçar o indivíduo registado em dezembro, revelando que em Portugal a espécie pode estar ativa mesmo em meses de Inverno.

Na ilha da Madeira, a bioecologia da espécie está ainda pouco estudada, assim como a dimensão da população e o polimorfismo que ocorre regularmente em sistemas insulares (Carvalho, *et al.*, 1991).

Na plataforma *iNaturalist* surgem 3 registos na ilha da Madeira, todos de indivíduos (vivos) observados a hibernar em túneis, nos meses de outubro, novembro e dezembro.



Scoliopteryx libatrix, Pico do Areeiro, 30-IX-2011, Sébastien Sant

Durante a minha visita em junho, encontrei apenas os indivíduos que não sobreviveram e cobertos por micélio. Existem, no entanto, dados que sugerem que a espécie pode permanecer em modo letárgico mesmo nos meses de verão, podendo hibernar dois invernos consecutivos (McKillop, W., 1993). Em Inglaterra, a espécie tem duas gerações, com adultos em voo em julho e a segunda geração a hibernar no final do Outono. Em Portugal continental e na Madeira, ainda não há informação suficiente (Martin Corley com. pess., julho 2022).

Em Portugal, há ainda muito a descobrir sobre esta espécie tão fascinante. A amostragem luminosa e a inspeção de locais adequados à hibernação da espécie, podem revelar mais dados sobre a sua ecologia e principalmente, como a espécie reage e adapta-se às variações climáticas. Talvez a REBN venha a contribuir para um melhor conhecimento da fenologia da espécie em Portugal.

Bibliografia:

Carvalho, J.P. de & A. M. Franquinho Aguiar, *Scoliopteryx libatrix* (Linnaeus) (Lepidoptera-Noctuidae) in Madeira Island. Boletim do Museu Municipal do Funchal 43 (232): 167-175. 1991

M. CORLEY, *Lepidoptera of Continental Portugal. A fully revised list*, Faringdon, 2015

McKillop, W. Brian, *Scoliopteryx libatrix* (Noctuidae) and *Triphosa haesitata* (Geometridae) in caves in Manitoba, Canada, Journal of the Lepidopterists' Society, 47(2): 106-113, 1993

GBIF.org (25 July 2022) GBIF Occurrence Download <https://doi.org/10.15468/dl.y2wqy7>